O impossível como operador: entre o gesto e a formação[1]

Thiago Oliveira Santana

Resumo

O artigo examina a "Proposição de 9 de outubro de 1967" com base na noção de impossível como operador da formação do analista. Sustenta que a Escola não deve ser compreendida como instância certificadora ou normativa, mas como dispositivo que garante a incidência do real na formação. Argumenta que o impossível, entendido como furo no saber e resto da experiência analítica, constitui o eixo ético da formação e impede sua captura por lógicas identificatórias ou hierárquicas. Desenvolve a distinção entre garantia e autorização, situando o passe como ato e não como chancela institucional. Analisa ainda os três pontos de fuga indicados por Lacan, Édipo, sociedade e campo, como riscos estruturais de captura da experiência pela via da filiação, da institucionalização ou da técnica. Conclui que a formação do analista não decorre de trajetória curricular nem de legitimação externa, mas da verificação de um ato que emerge da travessia de uma falha e se transmite como resto.

Palavras-chave:

Formação do analista; Escola; Impossível; Passe; Desejo do analista.

The impossible as operator: between gesture and formation

Abstract

This article examines the "Proposition of October 9, 1967" through the notion of the impossible as an operator in the formation of the analyst. It argues that the School should not be understood as a certifying or normative institution, but as a dispositif that guarantees the incidence of the real in formation. The impossible, understood as a gap in knowledge and as the remainder of analytic experience, constitutes the ethical axis of formation and prevents its capture by identificatory or hierarchical logics. The text develops the distinction between guarantee and

1 Este artigo foi apresentado no XXV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), realizado em Maceió (AL) de 16 a 19 de outubro de 2025, sob o tema "A formação do analista: urgência da nossa época".

authorization, situating the pass as an act rather than an institutional endorsement. It also analyzes the three points of flight indicated by Lacan, Oedipus, society and field, as structural risks of capturing analytic experience through filiation, institutionalization or technical regulation. It concludes that the formation of the analyst does not derive from curricular trajectory or external legitimation, but from the verification of an act that emerges from the traversal of a fault and is transmitted as remainder.

Keywords:
Formation of the analyst; School; Impossible; Pass; Analyst's desire.

Lo imposible como operador: entre el gesto y la formación

Resumen

El artículo examina la "Proposición del 9 de octubre de 1967" a partir de la noción de lo imposible como operador en la formación del analista. Sostiene que la Escuela no debe comprenderse como instancia certificadora o normativa, sino como dispositivo que garantiza la incidencia de lo real en la formación. Lo imposible, entendido como agujero en el saber y resto de la experiencia analítica, constituye el eje ético de la formación e impide su captura por lógicas identificatorias o jerárquicas. Desarrolla la distinción entre garantía y autorización, situando el pase como acto y no como aval institucional. Analiza además los tres puntos de fuga indicados por Lacan, Edipo, sociedad y campo, como riesgos estructurales de captura de la experiencia analítica por la vía de la filiación, la institucionalización o la técnica. Concluye que la formación del analista no deriva de una trayectoria curricular ni de una legitimación externa, sino de la verificación de un acto que emerge de la travesía de una falla y se transmite como resto.

Palabras clave:
Formación del analista; Escuela; Imposible; Pase; Deseo del analista.

L'impossible comme opérateur : entre le geste et la formation

Résumé

L'article examine la « Proposition du 9 octobre 1967 » à partir de la notion d'impossible comme opérateur de la formation de l'analyste. Il soutient que l'École ne doit pas être comprise comme instance certificatrice ou normative, mais

comme dispositif garantissant l'incidence du réel dans la formation. L'impossible, entendu comme trou dans le savoir et reste de l'expérience analytique, constitue l'axe éthique de la formation et empêche sa capture par des logiques identificatoires ou hiérarchiques. Le texte développe la distinction entre garantie et autorisation, en situant la passe comme acte et non comme validation institutionnelle. Il analyse également les trois points de fuite indiqués par Lacan, Œdipe, société et champ, comme risques structurels de capture de l'expérience analytique par la filiation, l'institutionnalisation ou la technique. Il conclut que la formation de l'analyste ne procède ni d'un parcours curriculaire ni d'une légitimation externe, mais de la vérification d'un acte qui émerge de la traversée d'une faille et se transmet comme reste.

Mots-clés :

Formation de l'analyste ; École ; Impossible ; Passe ; Désir de l'analyste.

Introdução

Este artigo propõe uma leitura da "Proposição de 9 de outubro de 1967" com base na noção de impossível como operador da formação do analista. Ao instituir o dispositivo do passe e redefinir o estatuto da Escola, Lacan desloca a formação do plano da transmissão de saber para o campo do ato. Interroga-se, assim, o estatuto da Escola não como instância normativa ou certificadora, mas como dispositivo que sustenta, no interior de sua estrutura, a incidência do real na formação.

Em um contexto contemporâneo marcado pela crescente demanda de regulamentação, certificação e padronização das práticas clínicas, recolocar o impossível como eixo da formação torna-se uma questão decisiva. O risco é que a formação se converta em percurso cumulativo ou em legitimação institucional, eclipsando o ponto de falha que a funda. O objetivo geral é examinar de que modo o impossível, entendido como furo no saber e resto da experiência analítica, pode operar como princípio ético da formação sem ser capturado por lógicas identificatórias ou institucionalizantes.

Como objetivos específicos, busca-se distinguir garantia e autorização no âmbito da Escola; examinar o lugar do passe como ato e não chancela; desenvolver os três pontos de fuga indicados por Lacan, Édipo, sociedade e campo, como riscos estruturais de captura da experiência analítica. O desenvolvimento do texto articula essas dimensões, sustentando que a formação do analista não se orienta por trajetória curricular ou hierarquia institucional, mas pela verificação de um ato que emerge da travessia de uma falha.

Desenvolvimento

Com base na "Proposição de 9 de outubro de 1967", interroga-se o estatuto da formação do analista como ato sustentado no impossível, e não como trajetória curricular. Mais que instituição, a Escola opera como lógica do real em jogo na formação. Trata-se de sustentar, em seu interior, a tensão entre a experiência da análise e sua transmissão, sem ceder às lógicas identificatórias.

Pergunta-se como o impossível, furo no saber e resto da experiência, pode operar como princípio de formação sem ser capturado por estruturas que buscam modelar ou garantir essa função.

A fundação da Escola constitui um ato que visa produzir um corte na ordem institucional. Como destaca Lacan (2021, p. 249): "Que a Escola possa garantir a relação do analista com a formação que ela dispensa, (…) ela pode fazê-lo, e deve fazê-lo a partir de então." Em vez de definir critérios ou padronizar trajetórias, Lacan propõe sustentar o real da formação. O passe, nesse contexto, não é uma chancela, mas um ato de verdade que permite que algo da destituição subjetiva se transmita como resto. O impossível da formação, aquilo que escapa a qualquer saber pleno ou legitimação hierárquica, deve ser tomado como eixo ético da Escola. É ele que opera o desejo do analista.

A "Proposição" é lida como gesto, não doutrina, como corte e não norma. Sua força está em abrir um espaço onde o ato analítico emerja sem respaldo na autoridade do Outro nem recaia no narcisismo do isolamento. Ao tratar do Analista da Escola (AE), do Analista Membro da Escola (AME), da análise didática e dos três pontos de fuga, Édipo, sociedade e campo, Lacan convoca a Escola a não fixar o analista como identidade, mas a verificar, ato a ato, a função analítica como resto.

O objetivo é recolocar em ato a pergunta inaugural de Lacan sobre o que é necessário para que se possa dizer que há um analista e sustentar que a resposta, longe de um critério, reside na travessia de uma falha.

Nas palavras de Lacan (2021, p. 261), "(…) o testemunho que eles poderão colher pelo vívido de seu próprio passado será daqueles que nenhum júri de aprovação jamais colhe".

O passe não é cerimônia nem exame. Ele força a Escola a confrontar-se com o impossível que se coloca na articulação entre o fim de uma análise e o surgimento de um analista. O testemunho colhido não visa provar, mas dar lugar a um resto, aquilo que não se formaliza nem se totaliza como saber. Como observa Lacan (2021, p. 259): "A passagem de psicanalisante a psicanalista tem uma porta cuja dobradiça é o resto que constitui a divisão entre eles, porque essa divisão não é outra senão a do sujeito, da qual esse resto é a causa."

A Escola não autoriza, mas garante, e essa garantia não é uma chancela institucional, mas a verificação de um ato no campo do real. Autorizar implicaria confe-

rir legitimidade a partir de um lugar de saber suposto, como se houvesse instância capaz de declarar alguém analista por atribuição simbólica. Garantir não nomeia uma identidade, mas responde por um processo. Trata-se de sustentar as condições em que um ato possa ser verificado quanto aos seus efeitos. A garantia não precede o ato, estabelece-se retroativamente na medida em que algo da experiência se transmite como resto. Ao limitar-se à função de garantia, a Escola preserva o vazio necessário para que o desejo do analista não derive de uma investidura, mas da travessia de uma falha.

Como ele assinala, "O fim da psicanálise guarda em si uma ingenuidade sobre a qual se coloca a questão de saber se ela deve ser tida como garantia na passagem para o desejo de ser psicanalista" (Lacan, 2021, p. 260).

A "Proposição" não busca moldar analistas ideais, mas delinear as condições para que o desejo do analista surja da queda do saber, da destituição subjetiva e da travessia da fantasia. Daí a afirmação de que "a verdade nunca se pode dizê-la a não ser pela metade" (Lacan, 1969-1970/2008, p. 34). E, como se lê no *Seminário 11*, "o desejo do analista não é um desejo puro; é um desejo de obter a diferença absoluta…" (Lacan, 1964/1996, p. 260). Por isso, toda formação verdadeiramente analítica é, em seu núcleo, formação pela falha.

A análise não prepara para ser analista, ela deforma, desautoriza, divide. O que resta ao fim do percurso é alguém que atravessou sua fantasia e consentiu em deixar cair o sujeito que nela se sustentava. Essa queda permite um novo laço com o saber, agora sem sujeito. A formação não equivale a uma formatura nem visa à construção de uma identidade analítica. Ela é o testemunho de uma destituição que abre espaço para que o desejo do analista surja como função.

Lacan aponta três pontos de fuga da experiência analítica, Édipo, sociedade e campo. Esses operadores não estão fora da Escola, mas assombram sua estrutura como risco de recaída no discurso do mestre.

Na "Proposição de 9 de outubro de 1967", Lacan retoma o Édipo não como estrutura normativa universal, mas como ponto de fuga da experiência analítica, isto é, como desvio possível quando a função do desejo se confunde com um mito de totalidade. O risco consiste em reduzir o Édipo a uma narrativa simbólica fechada, pai, mãe e filho, capaz de organizar o sujeito e conferir sentido ao desejo, convertendo a estrutura da falta numa ficção de completude. Se, no *Seminário 5*, Lacan formaliza o Édipo por meio da metáfora paterna que articula a função do Nome-do-Pai, em 1967 essa referência já se desloca: o Nome-do-Pai deixa de operar como garantia simbólica e passa a inscrever-se como ponto de não-todo, marca de um real que não se deixa totalizar. Quando elevado à condição de mito explicativo, o Édipo impede o atravessamento da fantasia e fixa o sujeito em identificações familiares, em vez de conduzi-lo à destituição do sujeito suposto saber.

A menção a Schreber ilustra essa deriva, pois no delírio o sujeito identifica-se integralmente ao lugar do Outro, encarnando um Édipo totalizado, sem resto. Nesse ponto, o risco institucional do Édipo torna-se evidente: sempre que a formação busca coerência simbólica ou idealiza uma função paterna, perde-se o real como operador. Cabe ao analista não sustentar o Édipo como chave explicativa, mas atravessá-lo como limite, para que a formação permaneça no campo do impossível e não da completude.

Ao lado do Édipo, Lacan indica ainda dois outros pontos de fuga: a sociedade e o campo. A sociedade nomeia o risco de a Escola converter-se em comunidade de pertencimento, estruturada por identificações, prestígio ou reconhecimento mútuo. Quando a lógica do discurso analítico cede lugar à lógica do agrupamento, o laço organiza-se pelo ideal e não pelo real; a verificação de um ato transforma-se em validação por pares, reinstalando, sob nova forma, o discurso do mestre. O campo, por sua vez, aponta para a deriva tecnocrática, isto é, para a tentação de reduzir o campo freudiano a domínio de especialização, método ou competência técnica. Nesse movimento, a psicanálise aproxima-se do funcionamento anônimo das disciplinas científicas, privilegiando protocolos e saberes acumuláveis em detrimento do não saber que sustenta o ato analítico. Sociedade e campo, assim como Édipo, designam modos de tamponar o impossível, seja pela identificação coletiva, seja pela tecnificação do saber. Contra essas derivas, a Escola é convocada a sustentar o real como operador, preservando a formação no regime da falha e não da garantia.

Se a formação não se deixa reduzir a percurso nem a hierarquia, é porque o impossível que a funda não se deixa integrar a uma totalidade. A Escola permanece atravessada por uma tensão estrutural: deve garantir sem autorizar, verificar sem normatizar, transmitir sem fechar. O risco de captura é permanente, seja pela filiação imaginária, pela institucionalização ou pela técnica. Sustentar o impossível como operador implica aceitar que a pergunta sobre o analista não encontra resposta definitiva. Ela se recoloca a cada vez, no ponto em que um ato se verifica por seus efeitos e deixa como marca apenas um resto.

Conclusão

A "Proposição de 9 de outubro de 1967" não funda doutrina, mas corta. Entre o gesto e a formação, é o impossível que se faz operador. O analista não é efeito de formatura, mas de falha.

Se a formação fosse possível no sentido de completável, ela culminaria em uma forma acabada, numa identidade estabilizada, numa certificação que encerrasse o percurso. Mas é justamente por não se deixar completar que ela permanece como formação. O impossível não é obstáculo a ser superado, é a própria condição de

sua existência. Ele impede a fixação do analista como figura consolidada e mantém aberta a hiância entre saber e ato.

Sustentar o impossível como operador significa admitir que não há ponto final na formação, apenas verificação contingente de um ato que se transmite como resto. Se há Escola, é porque algo se transmite na medida mesma em que não se totaliza. A formação subsiste, não como garantia de identidade, mas como trabalho permanente da falha que a causa.

Referências bibliográficas

Lacan, J. (1996). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)

Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)

Lacan, J. (2021). *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Recebido: 28/02/2026

Aprovado: 28/08/2026